

Entrevista com o Dr. Mindlin

Natural da cidade de São Paulo, o Dr. José Mindlin, personalidade conhecida no meio empresarial e destaque na área cultural, recebeu-nos para transmitir uma experiência de vida que o consagrou como um exemplo a ser seguido.

Aos 87 anos, em sua biblioteca privada, com mais de trinta mil exemplares, que a qualifica como uma das maiores do mundo, no gênero, ali nos levou para responder às indagações que tínhamos, para que os nossos leitores tivessem o privilégio de conhecer o que pensa e o que faz este personagem tão ilustre. Aprendemos muito, com relatos de suas experiências adquiridas ao longo de todos esses anos ao lado de sua querida esposa, D. Gita. Profissional bem-sucedido em todas as atividades que empreendeu desde os 16 anos, quando iniciou sua vida jornalística em meio ao clima de agitação política da Revolução de 1930.

Criou, em 1949, a empresa Metal Leve e a presidiu até o ano de 1996 quando foi vendida. Participou, na década de 1970, como Secretário da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, além de ter sido convidado por três vezes para ser ministro, de vários governos.

Em 1980, foi escolhido Doutor Honoris Causa da Brown University, nos Estados Unidos, e, em abril de 2001, recebeu o título de Doutor Honoris Causa da Universidade de Brasília. O Dr

José Mindlin é Curador da Fundação Cultural Exército Brasileiro.

Atualizado com a conjuntura nacional e internacional, apresentamos sua opinião sobre variados assuntos:

Como o Sr. vê a influência do fenômeno que vem sendo chamado de “Globalização” na cultura brasileira?

O fenômeno que vem sendo chamado de “Globalização” é muito complexo, e seu alcance, a meu ver, ainda não pode ser medido ou previsto de forma satisfatória. O que parece certo é que se trata de um processo irreversível, para o bem e para o mal, e que foi adotado sob pressão das grandes potências, sem que todas as possíveis conseqüências tivessem sido adequadamente avaliadas. Foi recebido pela maior parte dos países com entusiasmo, sob a impressão de que, para os países emergentes, com o Brasil à frente, ele abriria um acesso fácil aos grandes mercados e às tecnologias em desenvolvimento. Não creio que tenham sido levados em conta os efeitos da plena abertura de nossos mercados para as grandes potências. Aliás, mesmo nestes países do assim chamado primeiro mundo surgiram problemas não esperados pelos respectivos parques industriais e empresariais em geral. Algo parecido com a

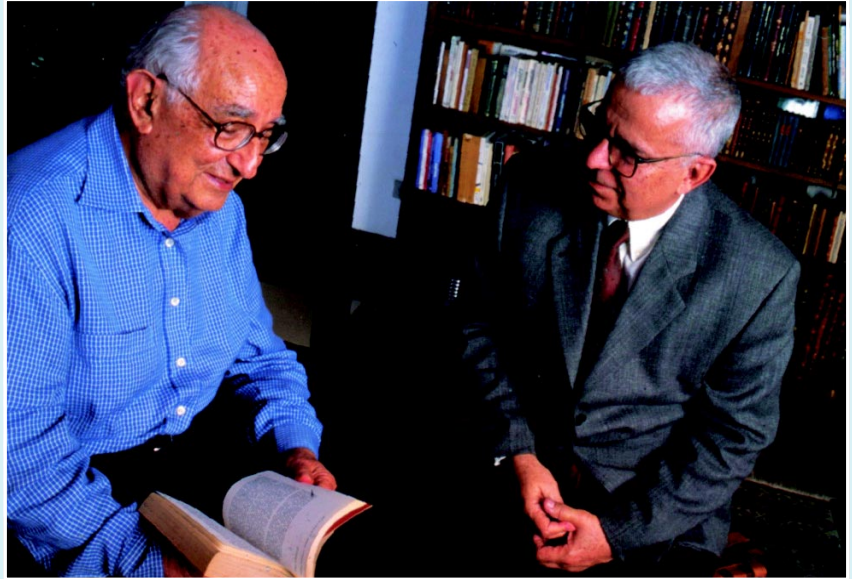
história do “Aprendiz de Feiticeiro”. Sabe-se como começa, mas não se sabe como acaba....

Especificamente em relação à influência da globalização sobre a cultura brasileira, ela pode nos afetar significativamente, mas isso não quer dizer que não seja possível preservar nossa identidade nacional.

É preciso que exista um propósito e um esforço deliberado de nossa parte, que mantenham vivos e crescentes os mais variados aspectos de nossa vida cultural. Influências externas existirão inevitavelmente, mas, em contrapartida, devemos procurar estender nosso desenvolvimento cultural além de nossas fronteiras, como aconteceu com Villa Lobos ou com a “bossa nova”, sem falar da tradução das obras de nossos grandes escritores, ou da exposição das obras de arte de artistas brasileiros. O clima é mais de perplexidade do que de certezas, mas temos de procurar tirar o melhor partido dos acontecimentos.

A Lei Rouanet foi um grande avanço na área cultural, pois permitiu que as iniciativas nesse campo pudessem contar com a parceria da iniciativa privada. O Senhor julga que ela é suficiente para atender às necessidades da área cultural ou teria outras sugestões?

A Lei Rouanet, precedida pela Lei Sarney, representou um bom avanço para incentivar a participação do setor privado no desenvolvimento cultural, tradicionalmente, mas a meu ver erradamente, considerado como responsabilidade exclusiva do Estado. Para que isto de fato adquira a dimensão que o tema exige, não bastam, a meu ver, os incentivos fiscais. O que importa é que a vida cultural faça parte da mentalidade de nossa gente, de tal forma que o apoio à cultura exista



Dr. Mindlin sendo entrevistado pelo Redator-Chefe

mesmo sem ou além dos incentivos. É um problema de educação.

Nos últimos anos, o Exército Brasileiro vem investindo de forma cada vez mais intensa na área cultural. Como o Sr. vê essa iniciativa? Qual a importância da Fundação Cultural Exército Brasileiro dentro do contexto cultural em que vivemos?

Vejo com real prazer a preocupação do Exército com a vida cultural do país, e, obviamente, foi ele que originou a criação da Fundação Cultural Exército Brasileiro. O problema não é só cultural e sim igualmente social e político. Na atividade cultural, convergem os interesses e atores os mais variados, e a Fundação certamente terá um papel importante de uma real aproximação entre o Exército e a sociedade civil, o que a meu ver é uma coisa muito importante. Através das parcerias que se vêm estabelecendo, toda a sociedade ficará conhecendo o valioso patrimônio histórico, artístico e cultural do Exército, dele podendo usufruir com efeitos positivos em nosso desenvolvimento cultural.

O Sr. acha importante e possível, na atual conjuntura, uma aproximação da mesma natureza

entre as universidades e o Exército? Em quais áreas dar-se-ia tal aproximação?

Venho advogando há muito tempo a necessidade de maior integração da universidade brasileira com o setor empresarial, em benefício mútuo. Uma aproximação do Exército com a universidade só pode enriquecer o processo, pois o que forma o Brasil somos nós todos, e não apenas alguns setores. A integração de que estamos falando pode ser feita tanto através da cooperação tecnológica, como cultural. É um dos papéis que cabem à Fundação.

Muitas vezes as pessoas tendem a dar maior importância aos aspectos populares da cultura. O Sr. acha que o Brasil caminha nesta direção?

A cultura é um campo abrangente, onde coexistem a assim chamada “popular” com a “clássica” – mais sofisticada. Ambas têm valor e importância, e não me parece que deva existir preferência entre uma e outra, ou separação entre elas. O que considero importante é uma constante elevação de nível, e a difusão, a todas as camadas sociais, do conhecimento e vivência culturais, sob os mais variados aspectos.

O Brasil, ao longo de sua história, sempre se manteve mais ligado culturalmente à Europa e aos EUA do que aos seus vizinhos sul-americanos. Quais seriam os caminhos para romper esse isolamento?

A afirmação de uma tendência histórica de maior contato cultural com a Europa e os Estados Unidos é procedente, mas essa tendência esta se modificando significativamente, com a extensão aos nossos vizinhos sul-americanos de nossos interesses e atividades culturais. Pessoalmente, senti essa aproximação quando se fundou a ALALC, nos anos 60, e vem-se acentuando desde então. Os autores hispano-americanos estão sendo traduzidos

em larga escala, o Mercosul é uma realidade, e estamos caminhando para a formação de um bloco latino-americano que a globalização torna importante que exista. O isolamento está sendo rompido, e considero que a aproximação cultural é mais eficaz do que a econômica.

Sabemos que um dos principais caminhos para a elevação do nível cultural de um país é o acesso cada vez maior ao livro. O Sr. acha que, nas últimas décadas, o Brasil vem conseguindo superar as barreiras que impedem o maior acesso da população ao livro? Quais seriam, ao seu ver, as soluções para a superação de tais barreiras?

Não tenho a menor dúvida de que o livro e a leitura são instrumentos essenciais de nosso desenvolvimento. O hábito da leitura deve ser criado desde a infância, e tenho dito que em todas as escolas deve existir como fonte de prazer, e não como obrigação curricular. Leitura deveria ser parte do recreio nas escolas, mas isso também é um problema de mentalidade. Os problemas são muitos, mas a meu ver a solução vem sendo encaminhada. Cabe um esforço das universidades e da sociedade em geral, para difundir o hábito da leitura não somente nas crianças, como nos professores primários, cuja profissão deve ser valorizada, e melhor remunerada, para que tenham tempo de ler. Também é importante que seja possível ler sem que seja indispensável comprar um livro. É imperativa a multiplicação de bibliotecas no país inteiro, para que o acesso ao livro seja realmente facilitado.

Para mim, o livro tem sido um companheiro indispensável em toda a minha vida, e em todas as horas. Minha leitura resulta da soma de pequenos períodos – sempre tendo um livro à mão, e com isso consigo ler bastante, entre seis e oito mensais –, embora seja uma gota d’água diante do que existe para se ler. Mas para mim tem sido sempre uma fonte de prazer, que não tem impedido minha atividade profissional ou empresarial.